

O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações

Enzo Mayer Tessarolo*

Tzvetan Todorov

O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações. Rio de Janeiro, Vozes, 2010, 237pp.

Em seu livro *O medo dos bárbaros*, Tzvetan Todorov, nascido na Bulgária em 1939 e residente na França desde 1963, apresenta criticamente as maneiras como pensadores que vão desde Rousseau até Samuel Huntington entenderam as noções de civilização, barbárie, cultura e identidade. Resgatando historicamente esses termos, Todorov alcança seu objetivo principal de revelar as formas assumidas pela barbárie e pela civilização na época contemporânea.

A preocupação central do autor é mostrar como o medo dos bárbaros pode ensejar nas vítimas comportamentos tão desumanos quanto aqueles perpetrados pelos seus agressores. Conforme Todorov, “o medo dos bárbaros é o que ameaça converter-nos em bárbaros. [...] A história nos ensina: o remédio pode ser pior que a enfermidade” (Todorov, 2010, p. 15).

Para evitar o perigo de uma reação excessiva e, em última instância, o fim da existência da espécie humana, dadas as capacidades atuais das armas de destruição em massa, Todorov lança um apelo ao diálogo, mas não aderindo a um “angelismo qualquer” – pois ele mesmo reconhece que “não se deve deixar de combater ativamente as ameaças terroristas” (Todorov, 2010, p. 19). Assim, entendendo que é insuficiente manifestar boas intenções ou proclamar as virtudes do diálogo, ele afirma que o enfrentamento dos fatos é indispensável e exige que todos estejam abertos para questionar suas próprias certezas e evidências.

* Mestrando do Programa de Pós-graduação MINSTER em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em parceria com o Centro Universitário Vila Velha; bolsista da Funadesp; especialista em Direito Judiciário e graduado em Relações Internacionais. E-mail: enzotessarolo@gmail.com

No primeiro capítulo (*Barbárie e civilização*), Todorov foca sua análise nos termos barbárie e civilização, definindo que “os bárbaros são aqueles que negam a plena humanidade dos outros” (Todorov, 2010, p. 27); enquanto o civilizado “é quem sabe reconhecer plenamente a humanidade dos outros” (Todorov, 2010, p. 32).

Entendendo a barbárie e a civilização como características intrínsecas aos seres humanos, o autor afirma ser ilusório tentar identificar um período específico da história da humanidade ou uma região qualquer do planeta como um exemplo de barbárie ou civilização. Pois “nenhuma cultura traz em seu bojo a marca da barbárie, nenhum povo é definitivamente civilizado; todos podem tornar-se bárbaros ou civilizados. Esse é o caráter próprio da espécie humana” (Todorov, 2010, p. 65)

No segundo capítulo (*As identidades coletivas*), Todorov defende que cada indivíduo participa ao mesmo tempo de inúmeras identidades, cujas amplitudes são variáveis. Ele destaca, sobretudo, três tipos de identidade: a primeira refere-se à “cultura”, com um caráter mais sentimental de apego à terra dos antepassados; a segunda, mais presente na esfera cívica, corresponde ao Estado, ao país do qual somos cidadãos; e a terceira diz respeito ao projeto moral e político ao qual decidimos aderir e em defesa dos quais somos capazes de atitudes intransigentes.

Ele procede dessa maneira, pois entende que a redução da identidade múltipla do indivíduo à identidade única permite a irrupção da violência, transformando as identidades em “identidades assassinas” (categoria trabalhada por Amin Maalouf). Matar um vizinho porque ele é *tutsi* significa esquecer-se de todas as outras filiações às quais ele pertence – de sua profissão até sua humanidade.

Se “qualquer indivíduo é pluricultural” e se “não existem culturas puras; pelo contrário, todas elas são mistas (ou ‘híbridas’, ou ‘mestiças’)” (Todorov, 2010, p. 69), é coerente pensar que a coexistência pacífica entre as diferentes culturas do mundo deva ser possível.

Com base nessa interpretação, Todorov inicia seu terceiro capítulo (*A guerra entre Ocidente e islamismo*) criticando a tese de Samuel Huntington presente em sua obra *O choque das civilizações*. Segundo o filósofo franco-búlgaro, Huntington teria imaginado as culturas a partir de um modelo guerreiro, no qual, à semelhança de jovens combatentes, cada um convencido de sua superioridade, elas se enfrentam até o triunfo de uma e a morte de outra.

Para Todorov, talvez um modelo sexual fosse mais conveniente para descrever tal encontro: “as culturas comportar-se-iam como um homem e uma mulher que se aproximam e se ‘misturam’, dando assim origem a uma descendência que, por sua vez, vai conservar alguns traços de cada um dos genitores” (Todorov, 2010, p. 106).

Todorov diz ser necessário separar islã, enquanto religião, e islamismo, enquanto partido, se quisermos compreender as complexas causas das tensões existentes entre alguns países ocidentais e determinados segmentos das populações muçulmanas. Em um debate que se estende pelo terceiro e quarto capítulo (*Navegar entre arrecifes*), o autor analisa esses confrontos a partir do exame de episódios recentes: a tortura promovida em nome da “guerra ao terror”; o assassinato de um cineasta e ameaças proferidas contra sua roteirista, na Holanda; a publicação de caricaturas do Profeta Maomé, na Dinamarca; e o discurso do papa, em que Bento XVI procede à comparação entre cristianismo e islã.

Enquanto Huntington defende que “o problema central para o Ocidente não é o fundamentalismo islâmico, mas o islã” (Huntington, apud Todorov, 2010, p. 112), o franco-búlgaro afirma que ao invés de guerra de religiões ou de um choque de civilizações, esses conflitos decorrem de causas políticas e sociais deflagradas por determinadas circunstâncias. Ademais, estereotipar os orientalistas serve aos interesses de extremistas como Bin Laden – além de atizar a hostilidade de grupos muçulmanos, ao invés de atenuá-los.

No último capítulo, Todorov volta-se para a *Identidade europeia*, pois acredita que a proposta da União Europeia corresponde precisamente à tentativa de tornar o mundo um pouco mais civilizado, já que se baseia na pluralidade das origens e na abertura aos outros que formam a Europa. Ainda que a história da Europa também seja uma história de conflitos e atualmente o medo esteja impedindo os europeus de chegar mais perto desse ideal civilizatório, a civilização ainda pode ser o futuro dos europeus.

Todorov conclui reafirmando a necessidade de promover o diálogo entre as diferentes culturas, no qual haja um quadro formal comum que sirva para delimitar a discussão sobre a natureza da verdade e da justiça. A condição prévia para o sucesso do diálogo, nesse sentido seria deixar de se auto-considerar como um bastião da virtude e da universalidade, posicionando-se acima das leis para julgar os outros e reivindicando para

nós o direito da força – como têm feito algumas potências ocidentais. Pois “não é possível promover a liberdade pela obrigação, nem a igualdade pela submissão” (Todorov, 2010, p. 223).

Da mesma forma, se esses “campeões da justa causa” desejam atrair os extraviados para seu próprio ideal, é preciso que eles evitem o uso de maniqueísmos que polarizam Luzes e Trevas, mundo livre e obscurantismo, amável tolerância e violência cega; mostrando que, sem renunciar aos valores que escolheram como base para sua vida comum, são capazes de valorizar seus interlocutores.

Esta obra é instigante, provocativa e traz uma série de análises sobre tensões internacionais contemporâneas. Todorov não desenvolve seu texto numa perspectiva necessariamente linear, apresentando vários conceitos num vaivém entre passado e presente, que pode, às vezes, dificultar a leitura. Mas a pertinência de suas críticas é tão ampla que pode ser percebida até nas ações de alguns segmentos da polícia brasileira, que, para combater o tráfico, utilizam atos de tortura. Levando em consideração a lição de Todorov: se, para vencer o inimigo, imita-se seus atos mais hediondos, é ainda a barbárie que prevalece.